

PANORAMA DA LITERATURA DE SANTA CATARINA

Celestino Sachet *

Gostaria de começar esta minha panorâmica, com a leitura de algumas perguntas que me foram dirigidas, nos meses de maio e junho/81, quando, integrando equipe de conferencistas, acabei atravessando dezessete cidades de nosso Estado, para apresentar a estudantes, professores e membros da Comunidade a Realidade Cultural de Santa Catarina.

Passo a algumas delas, na sua maioria oriundas de estudantes do Segundo Grau de escolas públicas:

- O senhor acha que Santa Catarina está boa em termos de leitura?
- Qual o primeiro escritor de Santa Catarina?
- Por que, ao invés de estudarmos a cultura mundial não estudamos a cultura de Santa Catarina?
- De que maneira a língua é também índice de cultura?
- O que o senhor acha da cultura de hoje? Acha que eles vão conservá-la ou vão estragá-la mais ainda?
- O que você acha do futuro de Santa Catarina, culturalmente falando?
- A televisão é uma forma de adquirir cultura?
- Por que no Brasil se tem preconceito de raça?(Sobre isto, abro parêntesis: gostaria de que lessem o livro *Liberdade, liberdade*, do poeta Adilson Pacheco, de Itajaí).
- Em todas as suas pesquisas realizadas, através do Estado, percebeu se alguma região de Santa Catarina perdeu ou está perdendo suas raízes?
- O que devemos fazer para não perder as nossas origens?
- Em que sentido, a televisão poderia prejudicar as nossas raízes?
- Por que os brancos e os pretos não se dão?
- Por que o mundo se interessa mais pela violência e menos pela cultura?
- Como manifestar nossas idéias próprias num País onde isto é motivo para ser marginalizado?

Desculpem se fui longo. Mas é que se foi longa a nossa caminhada desde Nova Veneza até Irupiranga, lá na Argentina, longo também foi o mergulho que realizamos nos santos e nos demônios dos jovens e dos adultos que integram o Panorama Cultural de nosso Estado.

Professor Titular de Literatura Brasileira — UFSC.

Entendo que ao nos sentarmos para discutir a Literatura que se faz em Santa Catarina, problemas fora do livro e fora do escritor devem ser colocados debaixo dos que nos lêem para uma reflexão mais alta e mais forte.

O tema que pretendo oferecer — Panorama da Literatura de Santa Catarina — dá margens a que eu possa destilar os mais amplos a, até, os mais desconhecidos assuntos. Como professor de Literatura Brasileira, como professor de Filosofia da Educação e como pessoa que escreve, fala e publica, digo sempre que no gesto de reflexão sobre um tema, três passos devem ser desencadeados.

Primeiro: o passo dos *sentidos*. E, permitam, uma frase em latim: (que é para dar peso às minhas palavras e dignidade a esta minha intervenção) "nihil est in intellectu, quod prius nos fuerit in sensu", o que, em língua atualizada significa "nada vai para a inteligência se antes não passou pelos sentidos".

É preciso, portanto, primeiro, ver, cheirar, apalpar, degustar e ouvir como andam e como andaram as letras em Santa Catarina. E, aqui, a realidade que se vê é que nossos passos sempre andaram descompassados com as passadas dos demais escritores brasileiros.

Ainda em 1929, com . . . *Aos espanhóis confinantes*, de Othon d'Eça e, até, em 1969, com *Diário de um agente itinerante*, de Medeiros Vieira, estávamos produzindo a Literatura dos Viajantes do Brasil do século XVI. E na década de 20, logo no começo, os jovens da Geração da Academia lutavam sob a espada de Altino Flores, para acabar com o Romantismo. Modernismo? Bem, ele só chegaria com o Grupo SUL dos fins da década de Quarenta.

Mas o descompasso não se dá, apenas, na relação Pensamento Estético do Brasil e Realização Literária em Santa Catarina, ou se quiserem, entre a Filosofia Verde-Amarela e a Práxis Barriga-Verde. Dentro de nossos 90.000 quilômetros quadrados, também, se encontram realidades que envolvem os que escrevem, os que editam, os que lêem, os que ensinam, os que se reúnem para discutir Literatura.

Os açorianos do Litoral do século XVIII e os alemães do Vale e os italianos do Sul do século XIX, mal podem crer que, logo ali, em cima da Serra, estão os paulistas do século XVIII e, depois do Rio do Peixe, os alemães e os italianos gaúchos do século XX. E as cinco raízes de nosso Estado, com suas quase cinco nacionalidades, numa espécie de Suíça Tropical, teimam em não se encontrar, insistem em se esconder uma da outra.

E, se na Capital Açoriana das Duas Pontes, homenageando dois Governadores, também açorianos, se produzem e se consomem 80% (ou seriam bastante mais?) da Literatura que se faz no Estado, que outra Literatura, além da Alemã do Vale e da Gauchesca do Planalto, estamos produzindo?

Ao lançarmos os olhos sobre o Panorama da Literatura em nosso Estado, é preciso ver, portanto, que, nas cinco regiões, salvo a Capital, é preciso VER como o progresso econômico não se fez acompanhar do aumento da produção cultural. E, em três nações — como é o caso do Vale, do Planalto e do Oeste —, eu chego a

dizer que os ares da diminuição, pelos menos em termos quantitativos e/ou de repercussão comunitária, são mais do que constrangedores. Blumenau, em que pese o peso de seus poetas nativos ou de seus prosadores de fora, me parece, longe da produção, se bem que em língua alemã, ocorrida entre as Duas Grandes Guerras. (Produção que gerou a excelente dissertação de mestrado *Saudade e esperança: o dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura*, de Walburga Huber, na Universidade Federal do Rio de Janeiro). E os Campos de Lages e os Vales do Oeste sentem a falta de um Tito Carvalho ou de um Guido Wilmar Sassi (não diminuindo, aqui, os méritos de Enéas Athanásio, de Edson Ubaldo, de Nilson Thomé). Bom ponto para debate, não é verdade, senhores leitores?

Claro que o VER será sempre debaixo de uma ótica pessoal, pois é difícil, pois não há e nem pode haver (mal sinal se houver) neutralidade em Arte. Vale, aqui, o pensamento de Maurice-Jean Lefebvre, no seu *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*: a arte é "uma representação (eu diria, melhor, uma re-apresentação) do mundo exterior, uma espécie de cópia, mas uma cópia à qual se admite, geralmente, que o artista acrescenta alguma coisa de si mesmo: é à natureza visto através de um temperamento. A obra representa (eu diria, melhor, re-apresenta) o mundo, mas é também uma visão do mundo e, finalmente, uma tomada de posição, quer dizer um juízo — mais ou menos sereno, mais ou menos apaixonado — emitido sobre o mundo" (p. 17).

Sentidos atilados e afilados sobre o Panorama de nossas Letras, está na hora de passarmos ao segundo passo de nossa Análise. **Refiro-me** agora, ao JULGAR, ao analisar, ao colocar debaixo de uma ótica pessoal, e, dela, serei o único responsável. E, **agora**, vou repensar idéias já costuradas em artigo publicado no jornal *Engenho* (nº 3, p. 3).

Se realizarmos uma retrospectiva sobre os passos das Letras entre nós, não nos espantemos: elas quase sempre (sempre?) saíram das mãos ou ficaram às sombras dos que detêm forte dose de Poder, não excluído o Poder Político. (Principalmente este, não é verdade, senhor José Boiteux?)

E foi assim desde o *Assembléia das aves* (1847), o poemeto-satírico-bi-partidário do professor-deputado-promotor público Marcelino Antônio Dutra. O auge da dependência ocorre na década de 20, com a Geração da Academia, nascida Sociedade Catarinense de Letras, no Gabinete do Secretário de Estado, José Boiteux, por ele pensada e mantida. (Bendita força e bendito apoio que gerara um pensamento e uma ação literárias, hoje ainda presentes e ainda se fazendo ouvir. Na década dos Anos Setenta, o prestígio pessoal do Presidente do Conselho de Cultura, professor Theobaldo Costa Jamundá, junto ao Governador Antônio Carlos Konder Reis, foi um dos fatores responsáveis pela quantidade incrível de livros editados por aquele órgão oficial. Foi só acontecer a queda do primeiro e a substituição do segundo e a produção quase se reduz a zero. Com vistas de ser retomada, é verdade, pela Fundação Catarinense de Cultura.

O "fazer" e o "consumir" literários continuam, entre nós, um fato de produção burguesa, sem a mínima interferência da maioria absoluta de brasileiros que são a outra grande — em tamanho — a outra grande camada social. É característica

nossa, dos burgueses que detivermos não importa qual fatia de Poder, é característica de nossa cosmovisão, o discurso do Saber Abstrato, do Saber Conceitual, do Saber Imposto de cima para baixo, do Saber-estando-de-fora, do Saber-sobre. E o que é mais triste: não está em qualquer um de nós, cultores dessa Literatura-Poder, a fórmula mágica da saída para o impasse dos 1.000 exemplares (editados e guardados). E, mesmo as experiências de cooperativas — como foi o caso do Clube do Livro da Editora Lunardelli — redundam em fracasso.

Por que não nos lêem?

Só porque o livro é caro? Só porque o livro não está nas livrarias?

Pois eu acho — eu tenho a certeza de — que, além do preço que está caro, não nos lêem, porque o nosso livro não lhes apresenta um afeto caro, um interesse querido, uma resposta desejada para combater os demônios que a todos nos angustiam. Voltando às perguntas do início, que livro recente, de autor do momento, trata daqueles problemas? E eu teria centenas de outras perguntas mais!

Não estou a dizer que nossa Literatura seja ruim, pelo amor de Deus! Nem que ela se demonstra inútil! O que eu quero, o que eu preciso afirmar é que ao escritor de Santa Catarina parece faltar aquele cheiro de povo, parecem ausentes aquelas vozes de mineiros-tuberculosos aos dez anos de mina; aquelas vozes de colonos jogando fora a cebola e a batata porque o atravessador paga a décima parte do que o produto e o colono valem; faltam os gritos dos índios que morreram no Sul; dos Paulistas que mataram no Planalto; das árvores que sumiram no Oeste; dos rios que foram atogados com o cocô negro do carvão, em Criciúma e em Urussanga (Ah!, meu Mãe Luzia dos anos Quarenta, que você era um rio! Agora? Cocô de mina!); rios que foram atogados com o pipi azulado das fábricas de Blumenau e Joinville; rios que foram atogados com os excrementos amarelados das terras mortas no Oeste! E, tudo, para quê?

São palavras de amor e de inveja, de um professor de Literatura, que não conseguiu, ainda, escrever o romance-tragédia da Imigração Italiana, o romance-lírico da Imigração Italiana, o romance-cômico da Imigração Italiana. Sei que já temos exemplos magníficos de catarinicos escritores assumidos — e estou a me lembrar de 21 deles nos *21 dedos de prosa* — mas, o Panorama da Literatura em Santa Catarina, precisaria de mais, muito mais.

O terceiro ponto de nossa reflexão, depois do VER dos sentidos, do VER de todos e do JULGAR da consciência de cada um, com o preço e com a responsabilidade que cada um vai pagar, o terceiro passo de nossa reflexão nos leva para dentro e para fora do AGIR.

É preciso fazer. Fazer e refazer destazendo. Mas fazer para servir e não para ser servido.

Recentemente, ao perguntar a um escritor da terra sobre se ele pretendia filiar-se à Associação Catarinense de Escritores, me respondeu que só realizaria o fato quando ela, a ACEs se tiver transformado em um Sindicato de Classe. Tudo bem! Tudo mal! E é bom. Muito bom. Mas é preciso ir um pouco mais fundo do problema tanto de uma Academia, quanto de uma Associação, ou de um Sindicato de Escritores.

Há poucas semanas, fui convidado para participar de uma entrevista no programa "Aqui e Agora", do César Sousa, na TV-Cultura. É um Encontro onde as pessoas da classe pobre vão chorar as injustiças e os desmazelos de uma Sociedade montada e dirigida para o quem-pode-mais-chora-menos. Claro que me perguntaram: "Uma Academia de Letras, no mundo de hoje, não é um absurdo? O que é que um operário tem a lucrar com a existência de Quarenta Imortais de Província?"

— É, respondi, é um absurdo a existência de uma Academia! É um escândalo uma Acadêmia de Letras, uma Associação de Escritores. Mas é preciso que este tipo de escândalo exista para acordar uma Sociedade com os bancos a mil, com o dólar a mais de cem, com o INPS querendo ir a dez e com os operários, grande massa, mais massa do que operários, com os operários a zero. E menos houvesse, eles lá estariam!

Nós, os escritores, nós os catarinenses, os catarinicos escritores, temos que ser os Quixote da Idade Média, os São Francisco do Renascimento, as Madre Teresa de Calculá dos Tempos Modernos, a pensarmos nos outros, a nos realizarmos nos outros. E isto é bom. E isto tem que ser assim.

Já fizemos um bocado. E estou a pensar dos jornais culturais: Boi de Mamão, Papa-Siri, a Ilha, Revista Discente da UFSC, Contos e Novelas que não pode morrer, Cordão que morreu, Faces de Tubarão, Sinos de Orleães, Revista da Fucri. Vemos as experiências de sucesso do *Feira de contos* — cinco escritores de Joinville a venderem a segunda edição em menos de ano; da Dúnia e do Jurandir a venderem seus dois poemas sobre o ipê; do José Pimentel e do Mário Belolli a escreverem a mini-biografia de Marcos Rováris, um Hino à Imigração Italiana. E um destaque especial para o Engenho, da ACEs e O Acadêmico, de Blumenau.

O trabalho vai, ainda, do Varal Literário do Alcides Buss e pendurar calças, camisas, camisetas e cuecas debaixo da Figueira da Praça Quinze ao Movimento dos Artistas Independentes de Santa Catarina cujo Manifesto passo a ler para quem não conhece e para que não se diga que no Panorama de Literatura Catarinense ficou de fora uma peça da qual, é parte, talvez, importante.

Leio: "A literatura e a arte em geral estão passando por um momento de transição crucial e difícil em Santa Catarina. De um lado, temos a franca e descarada subordinação de um número cada vez maior de artistas e intelectuais ao poder econômico e ao autoritarismo. E, de outro, uma minoria de poetas, pintores e artistas diversos que teima e teimará em manter-se independente apesar dos estilos, técnicas, gêneros, objetivos e interesses políticos diferentes. É para denunciar ao público esse estado de coisas que se agrava a cada dia que passa que distribuimos este primeiro e breve manifesto.

- Pela independência do artista frente ao poder econômico e político;
- Contra o empreguismo político-literário;
- Contra a subordinação ideológica do artista ao poder oligárquico e ao autoritarismo;
- Contra o uso da arte como forma de carreirismo político-administrativo;

— Contra a macaqueação e o desperdício dos concursos e dos encontros oligárquicos-institucionais de escritores e artistas em geral;

— Contra a utilização do artista e do intelectual como objeto decorativo do autoritarismo e das oligarquias;

— Pela dignidade e independência do artista e do trabalhador intelectual de Santa Catarina". (As. Raimundo C. Caruso/Bonson/Cleber Teixeira/Jairo Schmidt/Daniel.

De tudo quanto disse até agora, ainda não disse tudo. Falta às letras de Santa Catarina o serem uma resposta às perguntas do começo desta minha intervenção. Falta descobrir fórmulas para envolver aqueles que, não estando em nosso "lugar social", também dispõem de um discurso literário tão ou mais importante que as nossas pseudo-poses de intelectual de Cidade e de Sociedade Grande. E esta "lógica da sabedoria popular" tem fundas raízes em Santa Catarina a partir da literatura de língua alemã do Vale do Itajaí, quando, no fim e na virada do Século, escritores-imigrantes elaboraram uma literatura, de largo consumo, porque o escrever e o ler se confundem na mesma visão de mundo: a saudade de Europa e a esperança de nova (e melhor) realidade, aqui, na América.

Claro que, para esta virada, para esta nova literatura, terá que surgir um novo discurso literário: o discurso do mundo das necessidades dos que não pensam como nós pensamos (porque seus problemas e seus desejos são outros, muitos outros). Terá que surgir uma espécie de Nova Catequese Poética onde o Lindolf Bell não seja apenas o Poeta de Blumenau, mas onde os lindolf bell possam ser encontrados nos estudantes, nos operários, nos homens e nas mulheres do dia-a-dia de nossas ruas e de nossos ônibus.

Estou a pensar numa espécie de Comunidades Literárias de Base: estou a dizer uma literatura mais social e menos individual e classista; estou a reclamar uma literatura mais social e menos personalizada; numa literatura mais realista e menos romântica; numa literatura do sentir coletivo; numa literatura de cantadores e de violeiros; numa literatura de cordel onde o mágico e o fantástico dos satanazes do outro mundo sejam substituídos pela mágica e pelo fantástico mistério do sobreviver com o salário-mínimo, quando não, desempregado!

E, aqui, entraria, por que não?, a força da Academia Catarinense de Letras, a força da Associação Catarinense de Escritores, a força do Movimento de Artistas Independentes de Santa Catarina, todos nós, distribuídos nos quatro cantos do Estado e presentes nas fábricas, presentes nos sindicatos, nas igrejas, nas escolas, nos partidos — não importa onde — espalhando fermento, idéias e trabalho para que a literatura passe a ter a importância que precisa ter, e que vem desde o começo do Homem no começo dos tempos: um elo-força na luta de todos para que as coisas todas passem a estar a serviço do Bem e da Liberdade.

Termino com Eduardo Portella, no Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras: "A história de nossos dias, agora mais do que nunca, tem a obrigação de substituir o prazer enfermo da dissolução pela competência do conviver, pela sabedoria do viver-com. Ao lado dos conviventes e impulsionados pela saudável energia da convivência, imunes, portanto, ao veneno da violência, haveremos de construir o amanhã"